

Bairro a bairro

Campinas, dezembro de 2025

Este jornal, feito pelos alunos da PUC-Campinas, é um produto da disciplina
Jornalismo Impresso Diário sob orientação da professora Ciça Toledo

Reforma do CCC dá cara nova à Feira Hippie



Barracas armadas no Centro de Convivência Cultural foram reordenadas com instalação de gradil de segurança (Foto: Anne Fendrich)

A tradicional Feira Hippie, patrimônio cultural de Campinas e um dos principais pontos de encontro de artesãos e visitantes da cidade, ganhou um novo status após a reforma do Centro de Convivência Cultural. As medidas de revitalização proporcionam mais segurança, melhorias na infraestrutura e garantem que o local seja acessível, inclusivo e organizado para todos, para que as tradições sejam preservadas e a funcionalidade do ambiente seja mantida.

Os expositores participaram ativamente do processo de revitalização, de modo que suas necessidades fossem plenamente atendidas. “Os artesãos estão sempre abertos a ouvirem a buscarem soluções de problemas de forma criativa e que viabilize nossa existência na praça.”, conta Ana Rizzo, que há mais de 20 anos expõe seus produtos na Feira Hippie.

Página 4

Patinetes invadem ruas de Campinas

O uso de patinetes elétricos tem se popularizado em Campinas e se tornou uma alternativa de transporte, principalmente nas regiões centrais da cidade. O projeto foi implementado em fevereiro deste ano.

Página 3

Barão Geraldo ganha biblioteca Rubem Alves

A Fundação Síndrome de Down Rubem Alves inaugurou a Biblioteca Rubem Alves, em Barão Geraldo. O espaço, localizado dentro da Praça Pedro Cané, já começou a receber visitantes de diferentes faixas etárias e perfis de leitura.

Página 8



Patinetes da JET no Largo do Rosário, centro de Campinas (Foto: Ewelyn Vasconcelos)

Prefeitura faz obras contra enchentes

As obras em andamento pelo centro de Campinas contam com oito construções nas bacias do córrego Serafim, na avenida Orosímbo Maia e do córrego Proença, e na avenida Princesa D'Oeste.

Página 2

Ambulantes batalham por torcedores

Em dias de partida, especialmente quando o adversário é o Guarani, o entorno do Estádio Moisés Lucarelli se converte em um verdadeiro mercado a céu aberto, onde paixão, sustento e segurança se entrelaçam de forma intensa mas organizado.

Página 11

Cidade trabalha para conter enchente

Especialista explica por que obras da prefeitura podem não apresentar resultado esperado

Gabrielle dos Santos de Barros

A Prefeitura de Campinas, com recursos do BNDES, está investindo aproximadamente R\$ 1 bi em obras que visam o controle de enchentes na região central da cidade. As obras contam com oito construções nas bacias do córrego Serafim, na avenida Orosimbo Maia e do córrego Proença, e na avenida Princesa D'Oeste. Este projeto foi dividido em duas etapas, sendo a primeira composta pela construção de dois piscinões, um na Princesa D'Oeste e outro na Orosimbo Maia.

Em nota, a prefeitura informou que para a primeira etapa das obras serão investidos cerca de R\$55,9 milhões de recursos próprios. Somados aos R\$503 milhões financiados do BNDES, os trabalhos tiveram início em 1º de julho de 2024. Serão realizadas mais cinco obras na segunda fase. O projeto antienchente foi implementado no ano de 2024 e a previsão é de que as obras da primeira etapa sejam

concluídas até 2027.

Um reservatório na avenida Orosimbo Maia, outro na Norte Sul/ Princesa D'Oeste e uma terceira obra de remodelação no piscinão já existente na avenida Norte Sul, que servirá para os dois córregos. Também serão executadas obras de alargamento de calha na Norte Sul e obras de alargamento de três pontes na Orosimbo Maia.

Os alagamentos e enchentes atingem diretamente os comerciantes, que perdem clientela e sofrem com prejuízos e danos em suas mercadorias, como relata uma trabalhadora da rua Barão de Jaguará, que preferiu manter anonimato. “É uma correria. Tem que levantar tudo do chão para não ter perda de mercadoria”, afirma. “A gente vê que começa a chover, é correr pra tirar as coisas do chão e colocar o tampão para evitar a entrada de muita água.”

ALTERNATIVA

Apesar das políticas de prevenção e do projeto antienchente es-

tares em andamento, o arquiteto e urbanista João Verde explica que o projeto não será suficiente para conter os alagamentos. “Temos nos últimos anos grandes chuvas, mas os principais problemas são urbanísticos”, afirma.

Segundo ele, a implantação da cidade em si não respeita os rios e águas da cidade, uma característica comum entre cidades ao redor do mundo, e que as tecnologias foram pensadas em ocupar espaços, não deixando rios livres e causando esses alagamentos e enchentes, resultado da invasão das áreas de várzeas, propícias para evitar e reduzir os danos causados pelas grandes chuvas.

Segundo o urbanista, cidades de grande porte como Campinas, com bairros muito asfaltados, são mais quentes do que a área rural do município, “gerando aquilo que chamamos de zona quente ou zona de calor. Essas zonas são mais propícias a formar nuvens de chuva mais poderosas, porque com o calor a umida-

de evapora, o céu forma as nuvens, aí vem uma corrente fria e então o temporal”.

As zonas de calor favorecem chuvas intensas, em conjunção de uma má ocupação do território. Na sua opinião, seria mais adequado a elaboração de vales, áreas livres e ajardinadas, focando os investimentos em obras para praças. “Junto à morte sul, poderia ser um grande corredor ecológico”.

O urbanista João Verde defende que a cidade poderia ter adotado soluções mais adequadas, como parques lineares, que são áreas arborizadas que acompanham o curso do córrego e ocupam a várzea do rio, funcionando como reservatórios naturais em períodos de cheia, sem interferir em moradias ou construções paralelas. Segundo ele, o ideal teria sido implantar um grande parque linear, ligando o Jardim Proença à Lagoa do Taquaral, como forma de conter enchentes e promover saúde urbana. “E no fim, não foi feito”, lamenta.

Reservatório RP-1 busca reduzir alagamentos

Obra faz parte do plano municipal que tenta minimizar problemas históricos na região

Sophia Roselli

A Prefeitura de Campinas deu início a mais uma etapa do Plano para Controle de Enchentes na região central com a construção do Reservatório RP-1, conhecido por “piscinão”, localizado na Praça de Esportes Paranapanema, no Jardim Proença. O piscinão terá capacidade para armazenar cerca de 120 milhões de litros de água, ajudando a reduzir em até 90% os alagamentos na Avenida Princesa D'Oeste.

O plano que abrange a região central inclui oito obras nas bacias dos córregos Serafim, Proença e Orosimbo Maia. Além do RP-1, serão construídos outros dois reservatórios na Princesa D'Oeste: um também na Praça Paranapanema, e outro na Avenida José de Souza Campos, na praça do Hotel Vitória. O terceiro será implantado próximo ao Mercado Municipal, na Avenida Orosimbo Maia, essas regiões são historicamente castigadas pelas fortes chuvas, que há décadas provocam alagamentos frequentes, causando prejuízos e riscos aos moradores, comerciantes e visitantes.

Segundo o secretário de Infraestrutura, Carlos José Barreiro, o reservatório representa um marco na modernização da drenagem urbana para a cidade. “A firme decisão do prefeito Dário de sanar os problemas das enchentes nas regiões da avenida Princesa D'Oeste e Orosimbo Maia está em curso. Espero que este primeiro piscinão do Córrego Proença resolva grande parte das ocorrências de en-

chentes daquela região, e se caracteriza como a primeira grande obra deste porte de nosso município, que completará 250 anos”, afirmou.

O reservatório RP-1 ficará totalmente coberto, permitindo a recomposição da praça após a conclusão dos trabalhos. Em períodos de chuva intensas, a água será desviada por uma galeria de derivação e escoada por outra com o auxílio de quatro bombas submersíveis.

A obra está na fase de conclusão da construção da galeria de derivação, faltando apenas a caixa final, localizada próxima ao reservatório, e uma galeria de adução localizada no lado oposto do piscinão.

Mesmo com o otimismo das autoridades e o investimento em infraestrutura, moradores e comerciantes da região acreditam que o projeto trará melhorias, mas reconhecem que o problema dos alagamentos exige ações integradas e permanentes na região central de Campinas.

A moradora Fernanda Espinosa, que reside na Avenida Princesa D'Oeste, diz que espera ter tranquilidade nos períodos de chuva. “Espero que o RP-1 realmente reduza a frequência e a intensidade das inundações”, afirmou.

O comerciante José Roberto Cabral, dono de uma banca de jornal no canteiro central da avenida, adota tom mais cauteloso. Segundo ele, o reservatório deve ajudar, mas não resolve de forma definitiva o problema. “Sem um trabalho mais amplo de drenagem, as áreas mais baixas vão continuar sofrendo”, disse.



Obra RP-1 na Praça Paranapanema (Foto: Sophia Roselli)

Patinetes invadem Campinas

Projeto foi implementado em fevereiro de 2025 nos bairros Cambuí, Taquaral e Centro

Ewelyn Vasconcelos

O uso de patinetes elétricos tem se popularizado em Campinas e se tornou uma alternativa de transporte, principalmente nas regiões centrais da cidade. O projeto surgiu de uma parceria entre a Prefeitura de Campinas e a empresa JET, e foi implementado em fevereiro deste ano nos bairros Cambuí, Taquaral e Centro.

A iniciativa faz parte do plano de micromobilidade urbana da Prefeitura e da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec), que busca integrar meios de transporte individuais e sustentáveis ao sistema viário da cidade. A proposta é oferecer uma opção prática para pequenos deslocamentos, reduzindo o uso de automóveis e contribuindo para a diminuição do trânsito e da emissão de poluentes.

Desde o início da operação, no entanto, o serviço passou a levantar debates sobre segurança e convivência nos espaços públicos, principalmente em locais de grande circulação, onde pedestres relatam situações de risco, como desvios bruscos, circulação em alta velocidade e falta de atenção de alguns usuários, o que tem gerado preocupação entre moradores e comerciantes da região. As opiniões se dividem entre a praticidade do serviço e as dificuldades de convivência entre pedestres, ciclistas e motoristas.

A operação dos patinetes segue normas da Emdec, com base em legislações municipais e federais, buscando reduzir conflitos e promover maior segurança no dia a dia da população.

O vigilante de escolta armada Jaime Eduardo de Souza Ferreira, de 38 anos, utiliza o patinete elétrico cerca de três vezes por semana. Ele afirma que o veículo serve tanto para se deslocar ao trabalho quanto para momentos



Patinetes da JET no centro da cidade (Foto: Ewelyn Vasconcelos)

de lazer. “É prático e ajuda a evitar o trânsito”, diz.

Apesar da facilidade, ele reconhece que nem sempre se sente seguro ao circular pela cidade. “Procuro fazer minha parte. Nunca tive acidentes, sigo as normas e fico atento a carros e pedestres.” Na sua opinião, faltam sinalização e locais adequados para estacionar. “Às vezes, é difícil encontrar um lugar apropriado e o patinete acaba ficando no meio da calçada, atrapalhando os outros.” Para ele, a convivência depende de respeito e consciência.

Em nota, a Emdec informa que a maioria dos acidentes registrados desde que a legislação permitiu o uso dos patinetes elétricos em Campinas ocorreu no Centro e no Cambuí, áreas com intenso fluxo e compartilhamento de espaços entre diferentes meios de transporte. A fiscalização do uso dos patinetes é realizada por agentes da mobilidade urbana, que monitoram o

comportamento dos condutores e registram infrações. As ocorrências são repassadas à empresa operadora, que pode aplicar advertências, suspensões ou bloqueios temporários, completa a nota.

A falta de infraestrutura adequada é um dos principais desafios para o avanço seguro da micromobilidade em Campinas. Embora a cidade venha ampliando a rede de ciclovias e ciclofaixas, muitas ruas centrais ainda carecem de espaços destinados aos patinetes.

LEGISLAÇÃO

Fabricantes de patinete elétrico que tenham interesse em atuar em Campinas devem realizar credenciamento junto à Emdec, conforme regulamentação da Prefeitura e da Secretaria de Transportes. A JET, atual operadora, tem permissão para funcionar em áreas previamente avaliadas, que incluem o Centro, o Cambuí e o Taquaral. O uso

é permitido apenas para maiores de 18 anos e destinado a uma única pessoa. Ainda em nota, a Emdec explica que, assim como qualquer outro tipo de veículo não se deve conduzir sob o efeito de álcool.

Na prática, nem todos os usuários de patinete elétrico seguem as regras e orientações. A circulação em alta velocidade nas calçadas e o abandono dos veículos em locais inadequados estão entre as principais reclamações de pedestres e comerciantes, feitas aos agentes de mobilidade pública.

A Emdec informa que a maioria dos acidentes registrados desde que a legislação permitiu o uso dos patinetes elétricos em Campinas ocorreu no Centro e no Cambuí, áreas com intenso fluxo e compartilhamento de espaços entre diferentes meios de transporte. O problema se agrava com calçadas irregulares, buracos e tráfego intenso de ônibus e automóveis. A criação de pontos exclusivos para estacionamento e a expansão das ciclovias ajudariam a reduzir conflitos e acidentes.

A integração entre transporte público e meios de micromobilidade é vista como um avanço na forma de se deslocar, mas exige planejamento, investimento e diálogo constante com os usuários. Enquanto isso, a população permanece dividida entre enxergar os patinetes elétricos como símbolo de modernidade e conveniência ou como motivo de preocupação com a segurança e a infraestrutura urbana.

Para reduzir riscos, a Emdec e a JET mantêm programas educativos, como edições do projeto “Escola de Direção Segura”, promovido pela empresa credenciada que orienta usuários sobre boas práticas e normas de uso. A população pode denunciar irregularidades no uso do patinete elétrico pelo telefone 118 ou WhatsApp (19) 3731-2910, do Fale Conosco Emdec.

Crescimento transforma Mansões Santo Antônio

Novos empreendimentos impulsionam o bairro, mas geram reclamações de moradores

Leonardo Frias Alcarde

O bairro Mansões Santo Antônio, em Campinas, vive uma fase intensa de expansão imobiliária. O aumento de prédios residenciais e novos empreendimentos vem modificando a paisagem urbana e movimentando o mercado local, mas também gera preocupações com a mobilidade e a infraestrutura da região.

De acordo com a secretária de Urbanismo da Prefeitura de Campinas Carolina Barcat, a administração municipal tem buscado equilibrar o crescimento com medidas de compensação social. “Empreendimentos com 50 a 100 apartamentos precisam fazer uma contribuição financeira para mitigar o impacto acumulativo, sem necessidade de Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV). Já

construções com 200 ou mais unidades devem apresentar o EIV”, explica.

O EIV é um documento técnico exigido pela prefeitura para avaliar como um empreendimento pode afetar o entorno, incluindo trânsito, infraestrutura, serviços públicos, ruído e paisagem urbana. O estudo orienta medidas que buscam equilibrar o desenvolvimento com a qualidade de vida dos moradores.

Segundo a secretária, o crescimento do bairro traz benefícios, mas também exige investimentos públicos. “Novos edifícios aumentam a demanda por saúde, educação e segurança. A prefeitura precisa reforçar a sinalização, criar novas salas de aula, melhorar praças e ampliar os centros de assistência social”, afirma Barcat. Nos arredores, o novo loteamento Alphaville, em fase de implantação, também desperta atenção.

Por ser classificado como loteamento, o projeto não precisou elaborar um EIV, mas cada construção individual dentro do empreendimento poderá ter de fazê-lo, dependendo do porte.

Enquanto o poder público defende a expansão planejada, muitos moradores afirmam que o ritmo de crescimento está fora de controle. Bruno Rampa, morador do bairro Mansões Santo Antônio critica a situação. “O bairro vem crescendo sem planejamento, ocasionando congestionamentos em todos os horários do dia. Além disso, as ruas estão cheias de buracos.”

O comércio local sente os efeitos. Para Rodolfo Azevedo, garçom do restaurante Tu Casa, o aumento populacional tem dois lados. “Mais moradores significam mais clientes, o que ajuda o comércio. Mas o trânsito pesado e a fal-

ta de vagas afastam muita gente. Muita gente evita vir para o bairro por causa do congestionamento”, lamenta.

Moradores e comerciantes apontam que a mobilidade é o principal gargalo do Mansões Santo Antônio. As vias estreitas e o número crescente de veículos criam lentidão em horários de pico. Especialistas defendem que soluções de médio e longo prazo, como novos acessos viários, transporte público mais eficiente e calçadas acessíveis, são essenciais para evitar o colapso da região.

Enquanto o debate segue, o bairro continua crescendo. Para muitos, o Mansões Santo Antônio representa o retrato do desafio das grandes cidades brasileiras: conciliar desenvolvimento urbano, qualidade de vida e sustentabilidade, antes que o progresso se transforme em problema.

Reforma dá cara nova à Feira Híppie

Obras no Centro de Convivência Cultural trazem mais conforto aos feirantes e ao público

Anne Fendrich

A tradicional Feira Híppie, patrimônio cultural de Campinas e um dos principais pontos de encontro de artesãos e visitantes da cidade, ganhou um novo status após a reforma do Centro de Convivência Cultural. As medidas de revitalização proporcionam mais segurança, melhorias na infraestrutura e garantem que o local seja acessível, inclusivo e organizado para todos, para que as tradições sejam preservadas e a funcionalidade do ambiente seja mantida.

Os expositores participaram ativamente do processo de revitalização, de modo que suas necessidades fossem plenamente atendidas. “Os artesãos estão sempre abertos a ouvirem a buscarem soluções de problemas de forma criativa e que viabilize nossa existência na praça.”, conta Ana Rizzo, que há mais de 20 anos expõe seus produtos na Feira Híppie.

A modernização da infraestrutura, paisagismo e iluminação visam aprimorar a experiência no espaço, estimulando o desenvolvimento cultural e econômico da região. Em contrapartida, Ana conta que alguns dos artesãos tiveram que se deslocar de seus espaços, visto que, com a instalação do gradil de segurança para preservação do ambiente, algumas barracas estavam obstruindo a passagem.

Além das opiniões dos próprios expositores, visitantes perceberam as mudanças estruturais no local. Júlia



Barracas da feira foram reordenadas com a instalação do gradil de segurança (Foto: Anne Fendrich)

Batistel, que frequenta a feira desde a infância, comentou as alterações: “Notei que colocaram grades e reorganizaram a estrutura. No começo estranhei, porque muda a circulação, mas acho que é uma forma de controlar o fluxo e deixar mais seguro”.

Aos finais de semana, a expectativa que existe é a do crescimento do público. Com as produções e eventos culturais promovidos no Centro de Convivência, a feira funciona em horário ampliado, oferecendo novas oportunidades de visita, lazer e compras. Em nota, a Assessoria da Secretaria Mu-

nicipal de Cultura e Turismo de Campinas afirma que as mudanças devem contribuir para o aumento do fluxo de visitantes e fortalecer a economia criativa local.

Além disso, a reinauguração do Teatro de Arena foi amplamente benéfica para os feirantes e consumidores. A atração de um público consumidor que valoriza e conseqüentemente consome os produtos acontece principalmente nos dias de espetáculo, afirma Ana, artesã e expositora, visto que a feira muitas vezes tem sua programação integrada com os eventos que

acontecem no Centro de Convivência, mantendo viva uma tradição que faz parte da identidade de Campinas há mais de 40 anos.

Com a reforma, a Feira Híppie renova sua importância na cidade de Campinas, agora como um espaço mais seguro, agradável e acolhedor para os moradores da região e para os visitantes de outras cidades.

O local continua como ponto de encontro entre arte, cultura e convivência, valorizando o trabalho dos artesãos e fortalecendo a identidade cultural campineira.

Mudança climática causa impactos no Prq. Jambeiro

Criou-se um efeito cascata que afeta tanto o ecossistema quanto os frequentadores do local

André Agnolini Vendramini

As mudanças climáticas têm provocado uma série de impactos no Parque Jambeiro, na região Sul de Campinas, criando um efeito cascata que afeta tanto o ecossistema quanto os frequentadores do local. Nos últimos anos, o assoreamento da lagoa do Parque das Águas reduziu a oxigenação da água, enquanto chuvas intensas culminaram na queda de árvores, aumentando os riscos para as áreas verdes. Além disso, o córrego que atravessa terrenos não urbanizados piora o escoamento e compromete a qualidade do solo.

O Parque Jambeiro abriga parte da Floresta Estadual de Serra D'Água, área que concentra nascentes, mata nativa e espécies vegetais que ajudam a regular o microclima da região Sul de Campinas. O local também se conecta ao Parque das Águas, formando um corredor verde utilizado por animais silvestres e essencial para a preservação da biodiversidade. Nos últimos anos, ambos os parques têm sido afetados por impactos ligados às mudanças climáticas, como chuvas

mais intensas, assoreamento e perda de vegetação, fenômenos que alteram a estabilidade ambiental do entorno.

A área é administrada pela Fundação Florestal do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística (SEMIL). Em parceria com a Fundação José Pedro de Oliveira (FJPO), a instituição mantém um termo de cooperação técnica para ações de gestão, monitoramento e conservação ambiental. O gestor responsável, Carlos Beduschi, explica que os principais desafios da unidade são o assoreamento persistente, a urbanização da bacia hidrográfica e os impactos de eventos extremos, como chuvas intensas, que exigem melhorias na infraestrutura de drenagem.

Moradora do Parque Jambeiro, Odete da Silva afirma estar “assustada e preocupada com a segurança do bairro e da floresta”. Segundo ela, 13 árvores caíram no dia 13 de Fevereiro deste ano após fortes chuvas, o que tem aumentado o medo dos moradores. “Foi sorte ninguém se machucar no dia das quedas”, diz. Ela lembrou do acidente no Parque Taquaral, em

Campinas, em 24 de Janeiro de 2023, quando uma árvore de grande porte caiu sobre Isabela Tibúrcio Fermino, uma menina de sete anos, resultando em sua morte. Para ela, este é um dos temores dos frequentadores do Parque Jambeiro.

Para Beduschi, a prioridade atual é monitorar as espécies que possam gerar risco no entorno da Floresta Estadual de Serra d'Água, uma área de 52 hectares. Ele afirma que a unidade conta apenas com um gestor responsável, o que limita o tempo dedicado à fiscalização. Segundo o gestor, como não há estrutura de visitação pública nem uso recreativo regular, o monitoramento é feito apenas em áreas onde há risco direto para a comunidade.

As alterações no regime hidrológico de Campinas, somadas à variação climática ao longo do ano, afetam diretamente o volume de água nas lagoas, a umidade do solo e o metabolismo das espécies que dependem desses ambientes. Estudos da Secretaria do Verde e Desenvolvimento Sustentável de Campinas indicam que áreas verdes com corpos d'água, como o Parque Jambeiro, funcionam como im-

portantes reguladoras do microclima urbano, ajudando a reduzir ilhas de calor e a reter água da chuva.

A Floresta Estadual Serra D'Água é uma área sustentável, cujo plano de manejo foi aprovado em 2018. Segundo Beduschi, as diretrizes deste plano incluem programas de prevenção de incêndio, fiscalização de caça, cuidados com a flora e fauna, pressão de vegetação, entre outros cuidados. Quaisquer intervenções dentro dos limites da unidade de conservação devem respeitar os limites previstos em lei, cabendo a responsabilidade à Fundação Florestal, órgão vinculado ao governo do Estado de São Paulo, explicou.

A região do Parque Jambeiro tem um clima classificado como clima tropical de altitude, tendo um verão quente e úmido e o inverno sendo seco e ameno, fazendo parte da Mata Atlântica e sendo uma floresta estacional semidecidual, pelas estações bem marcadas e por parte das árvores perdem folhas na estação seca. Essas diferenças climáticas presentes no local ajudam a explicar as alterações climáticas da região.

Urbanista esclarece sobre mobilidade

João Verde rebate críticas sobre os impactos do novo condomínio Dom Pedro Zero

Sophia Mano

O crescimento acelerado das cidades tem gerado impactos diretos na infraestrutura urbana. Em Campinas (SP), o novo loteamento Dom Pedro Zero, da Rede Parque Alphaville, levantou debates sobre mobilidade, meio ambiente e qualidade de vida. Para esclarecer pontos polêmicos, João Verde, arquiteto e urbanista, ex-professor da PUC-Campinas, detalhou os objetivos do projeto e respondeu às principais críticas.

Qual é a sua ótica, como urbanista, a respeito da aprovação desse projeto?

O projeto foi aprovado conforme a legislação. É bom esclarecer que a expansão urbana não é exclusiva de Campinas, mas também ocorre em vários lugares. Existe uma delimitação que define até onde a área urbana pode avançar e esta construção está dentro da área permitida, que pode expandir, no vazio urbano. Ele é comumente confundido com zona rural. O terreno onde está sendo erguido o novo empreendimento era usado há anos para plantação de cana de açúcar e já estava destinado à expansão.

De que forma o novo loteamento pode impactar o meio ambiente local?

A legislação exige que pelo menos 20% do terreno seja área verde, e o projeto prevê mais de 500 mil metros quadrados [de área verde], incluindo um parque linear de três quilômetros conectado à Unicamp. Se a construtora não cumprir esse índice, a obra pode ser barrada pela Prefeitura e pelo Estado. Outro ponto importante: loteamentos costumam oferecer mais áreas verdes planejadas do que áreas rurais tradicionais. Esse parque, Alphaville Campinas, terá espaço de convivência, lazer e integração com a cidade, contribuindo para a qualidade de vida e para o contato com a natureza.

Em relação ao trânsito, você acha que o empreendimento complicará o acesso às universidades, como PUC-Campinas e Unicamp?

A preocupação existe, mas não é causada apenas pelo loteamento. Ela já ocorre devido à expansão urbana. O projeto prevê alternativas para diminuir o impacto, como vias internas planejadas e incentivo ao transporte sustentável. Amigos, bater papo, jantar fora, é o tipo de coisa que curto.

De que forma o novo bairro pode mudar a mobilidade e a infraestrutura da região?

O projeto é de uso misto, isto é, os prédios terão comércios no térreo e moradias nos andares superiores. Isso ajuda a aproximar os serviços do dia a dia de moradores e estudantes e reduz a dependência de grandes polos, como o Shopping Dom Pedro. A proposta inclui novas ciclovias, incentivando meios de transporte mais sustentáveis.



Área externa do Showroom do complexo Parque Alphaville que foi aprovado conforme a legislação (Foto: Sophia Mano)



João Verde é arquiteto, urbanista e ex-professor da PUC-Campinas (Foto: Sophia Mano)

Você acredita que este projeto pode ajudar na qualidade de vida e no acesso à moradia perto da PUC-Campinas e Unicamp? De que maneira?

O bairro deve oferecer apartamentos com preços mais acessíveis, principalmente para estudantes e trabalhadores, o que pode ajudar a equilibrar os valores de aluguel da região. Além disso, o projeto prevê melhorias na infraestrutura, como a construção de um anfiteatro para eventos culturais e fiação elétrica subterrânea, que aumenta a segurança e melhora o visual do bairro.

Como você responde às críticas de que esse tipo de empreendimento aumenta a desigualdade urbana?

Projetos planejados ajudam a organizar o crescimento, oferecendo infraestrutura adequada e áreas verdes. O problema maior está em ocupações irregulares, que surgem quando não há planejamento e auxílio do governo.

Qual é a importância de integrar áreas verdes e espaços culturais em loteamentos?

Isso contribui para qualidade de vida, lazer e convivência, além de valorizar a região e aproximar as pessoas um pouco mais da natureza.

Esse modelo de bairro é tendência para outras cidades?

Sim. A ideia de uso misto, integração com áreas verdes e infraestrutura moderna é uma tendência global para tornar as cidades mais sustentáveis e funcionais.

Baixa na umidade do ar afeta saúde

Fenômeno está relacionado à presença de massas de ar seco no interior de São Paulo

Eloah Dias

Campinas enfrenta queda de 22,7% na umidade do ar nas últimas semanas devido a falta de chuvas na região. A condição tem consequências sérias tanto para o meio ambiente como para a saúde da população.

De acordo com o Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicada à Agricultura (Cepagri), da Unicamp, o fenômeno está relacionado à escassez de chuvas e a presença de massas de ar seco que predominam sobre o interior de São Paulo. A tendência para os próximos meses, segundo o órgão, é de períodos mais prolongados de seca e chuvas concentradas e com maior volume. A umidade continuará baixa, se intensificando no período da tarde, juntamente com o aumento da temperatura ao longo do dia.

A Defesa Civil de Campinas tem monitorado e emitido alertas à população sobre abaixa umidade no ar. Os níveis, além de afetar a saúde da população, aumenta o risco de queimadas. A porcentagem da umidade do ar registrada em semanas anteriores chegou a 30%, valor considerado de atenção pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

De acordo com a médica pneumologista Déborah Pa-

trocinio, a baixa umidade do ar pode causar vários problemas de saúde, principalmente respiratórios, como rinite, sinusite, bronquite e asma. Dependendo do quadro climático, alerta, pode gerar uma pneumonia.

“Os sintomas frequentes relacionados [à baixa umidade do ar] são, dificuldade na respiração, irritação na garganta e lacrimejamento”, disse a médica. Segundo ela, a baixa umidade do ar provoca a desidratação do muco que é produzido normalmente nas vias respiratórias, dificultando a passagem do ar. Também afirma que pode haver ressecamento e irritação nos olhos e na pele.

Entretanto, complementa, “pessoas que não possuem uma pré-disposição alérgica devem se precaver contra a baixa umidade através de uma hidratação efetiva, é importante a ingestão de em média 3 litros de água por dia”. Já os indivíduos alérgicos devem prestar atenção para casos de desconforto mais intenso e falta de ar aos pequenos e médios esforços.

Segundo ela, os grupos mais afetados são crianças, idosos e pessoas com histórico de alergias. Por isso, ela recomenda medidas preventivas, que incluem boa hidratação, deixar os ambientes úmidos com o auxílio de umidifica-

dores de ar e evitar a prática de exercícios físicos entre 10 e 16 horas.”O uso de ar-condicionado pode ser prejudicial, pois reduz a umidade do ambiente”, explica.

A professora de Educação Física Carla Navarro Vieira, moradora do bairro Jardim Chapadão na zona norte de Campinas, afirma que tem apresentado sintomas provocados pela baixa umidade do ar. “A respiração fica mais pesada, meu peito fica apertado e frequentemente acordo durante a noite com tosse ou falta de ar devido ao tempo seco”, disse.

Para amenizar o mal-estar, ela usa regularmente bombinha [para alívio rápido dos sintomas da asma], umidificadores nos quartos e na sala, além de toalhas úmidas à noite. “Também diminuí a prática de exercícios físicos em dias mais secos”, afirma.

Na sua opinião, escolas e postos de saúde deveriam ampliar a divulgação sobre os riscos da baixa umidade do ar na saúde. “Muita gente não entende o quanto o tempo seco pode afetar a saúde respiratória”, afirma. Ela também recomenda instalar umidificadores ou nebulizadores em espaços públicos e investir na preservação e no plantio de áreas verdes, já que o aumento da arborização contribui para reduzir a secura do ar.



Termômetro de rua aponta alta temperatura (Foto: Eloah Dias)

Insegurança avança no Parque das Universidades

Aumento de casos de roubo faz população insegura optar por não sair de casa à noite

Helena Nadalucci

Moradores do Parque das Universidades, próximo ao campus I da PUC-Campinas, relatam que têm evitado circular pelas ruas do bairro devido ao medo de assaltos e outras formas de violência. Segundo entrevistas feitas pela reportagem, muitos preferem permanecer em casa por considerarem o ambiente mais seguro. A região concentra um expressivo número de kitnets estudantis e comércio.

Moradores afirmam que a rua José Aparecido Pavan, próxima à loja de conveniência Oxxo e a via entre os bares Hbar e PocoLoco são percebidas como os pontos mais críticos em relação à segurança no bairro.

Na região dos bares Hbar e Poco Loco, moradores e frequentadores afirmam que os furtos a veículos se tornaram mais comuns. Os criminosos quebram os vidros com tijolos para levar objetos deixados dentro dos carros, especialmente eletrônicos.

A atendente do bar Poco Loco, Elis Regina Tavares, que trabalha no local

há 13 anos, afirma que os casos de furto a veículos na região têm aumentado. Segundo ela, um dos episódios mais recentes ocorreu no dia 23 de outubro, quando criminosos quebraram o vidro de um carro estacionado em frente ao bar e levaram o computador que estava dentro do veículo. Elis relata que situações semelhantes têm se repetido “quase todo dia” nas últimas semanas.

Fernando Pacheco Santos Silva, gerente do Hbar há cerca de 3 meses, afirma que nunca presenciou episódios de violência. No entanto, segundo ele, funcionários do bar relataram um caso ocorrido recentemente quando uma briga em frente ao estabelecimento levou a equipe a acionar a polícia. Eles também contam que precisaram intervir fisicamente para separar as pessoas envolvidas.

Uma moradora contou que precisou abandonar as aulas de dança à noite por medo de circular pelo bairro. Ela afirma que mesmo sem ter sofrido nenhuma tentativa de assalto, a insegurança na região a fez repensar sua rotina. “Fiquei triste ao parar [a dança], mas não dava para arriscar depois dos assaltos a mão

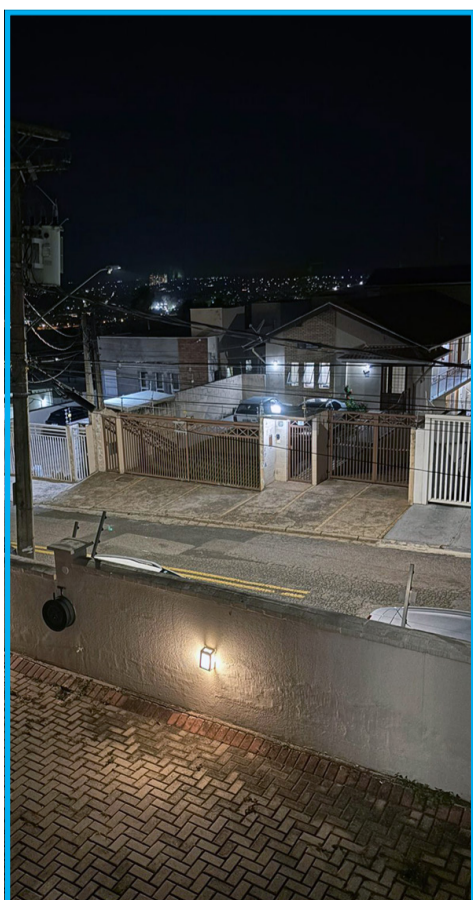
armada”, disse.

A estudante Alana Sophia Pedrosa relatou que, em março, jogadoras de vôlei da Atlético Morsa, da PUC-Campinas, foram assaltadas após um treino por volta das 23 horas, quando saíam do ginásio.

Alana também contou que, em outro episódio, um adolescente teria levado um veículo da rua Walter Schmidt até Sumaré. A reportagem não conseguiu confirmar o caso com a polícia até o fechamento deste texto.

O morador Bruno Perea conta que não se surpreendeu ao registrar a foto de um carro com o vidro quebrado. Para ele, os estilhaços espalhados pela rua mostram que casos assim são frequentes. A atendente do Poco Loco, Elis Regina, também vê com frequência cacos de vidro pelas ruas. “Quase todo dia tem vidro de carro quebrado logo ali em frente ao bar Poco Loco”

Alguns dos moradores do Parque das Universidades afirmam que tentaram entrar em contato com o 6º e o 7º Distritos Policiais depois das 16h, praticamente improvável que eles atendam.



Local onde foi furtada uma caminhonete (Foto: Helena Nadalucci)



Entrada Parque Portugal, ponto de acesso às atividades e projetos sociais esportivos que movimentam a comunidade (Foto: Georgia Souza Pacheco)

Esporte e arte no Parque Portugal

Projetos sociais no Taquaral consolidam-se como espaços de transformação e inclusão

Georgia Souza Pacheco

Nos últimos anos, a oportunidade de praticar esportes e se desenvolver artisticamente está cada vez mais acessível, graças a uma variedade de projetos sociais gratuitos realizados no Parque Portugal, no Taquaral. A iniciativa oferece aulas em modalidades como vôlei, ginástica artística, judô e Taekwondo, permitindo que crianças, jovens e adultos se engajem em atividades físicas e culturais sem custo algum. Esses projetos se tornaram verdadeiros centros de convivência, promovendo disciplina, trabalho em equipe e respeito mútuo, além de funcionarem como importante canal de inclusão social.

Esses programas visam o bem-estar da população ao oferecerem um ambiente seguro e estruturado para a prática de esportes e artes marciais. Eles estimulam hábitos saudáveis e ajudam a afastar jovens de situações de risco, construindo uma base sólida para o desenvolvimento pessoal. A diversidade de opções atende a diferentes interesses e idades, permitindo que mais pessoas descubram talentos e paixões, levando uma vida mais

equilibrada sem custos adicionais.

Entre os projetos, o público é amplo e diversificado, conectando pessoas com diferentes motivações.

É o caso de Daniel Dutra, 17, aluno do projeto social Campinas Fighters, que começou o Taekwondo durante a pandemia buscando apenas se manter ativo. Quatro anos depois, tornou-se atleta profissional e conquistou o título de Campeão Brasileiro. “Esses projetos estimulam a prática esportiva e contribuem para a formação de cidadãos, promovendo saúde e qualidade de vida”, afirma. O que começou como lazer se transformou em um caminho de crescimento pessoal e profissional.

De acordo com a Secretaria de Esportes, a implementação de projetos no Taquaral segue critérios específicos. A iniciativa parte de organizações civis ou voluntárias que apresentam propostas à pasta. Para aprovação, é necessário que a atividade seja gratuita, tenha plano de trabalho estruturado e conte com recursos básicos para execução, como equipe, material e experiência. No caso das entidades, é exigido CNPJ ativo, garantindo a for-

malidade da parceria.

O professor Sergio De Jesus, do projeto social de Taekwondo, afirma que os projetos gratuitos exercem papel essencial não apenas no Taquaral, mas em toda Campinas, por oferecerem oportunidades muitas vezes ausentes no cotidiano dos participantes. Além de recuperar autoestima e confiança, esses espaços formam cidadãos comprometidos, com valores como respeito, disciplina e convivência coletiva, ao mesmo tempo em que revelam talentos. Ele destaca que o maior estímulo em continuar é acompanhar a transformação dos alunos, desde mudanças de postura até conquistas expressivas em competições, um processo que mostra como iniciativas desse tipo impactam positivamente vidas e comunidades inteiras.

Os projetos sociais no Taquaral consolidam-se como espaços de transformação e inclusão. Ao incentivar hábitos saudáveis, promover convivência comunitária e abrir portas para talentos antes invisíveis, eles mostram sua relevância para a cidade. Para alguns, representam lazer e prática saudável; para outros, o início de uma carreira.

Em ambos os casos, valorizam o esporte e a cultura como ferramentas de desenvolvimento pessoal e coletivo, reforçando a formação de cidadãos mais conscientes e ativos.

Com o sucesso e o alcance crescente dessas iniciativas, o Parque Taquaral reafirma seu papel como um dos principais polos de convivência e formação cidadã em Campinas. Os projetos sociais ali desenvolvidos demonstram que o esporte e a cultura, quando acessíveis a todos, têm poder de transformar realidades, revelar talentos e fortalecer laços comunitários. Ao unir inclusão, saúde e oportunidades, o Taquaral se consolida não apenas como espaço de lazer, mas como exemplo do impacto positivo das ações sociais no cotidiano da cidade.

Com o sucesso e o alcance crescente dessas iniciativas, o Parque Taquaral reafirma seu papel como um dos principais polos de convivência e formação cidadã em Campinas. Os projetos sociais ali desenvolvidos demonstram que o esporte e a cultura, quando acessíveis a todos, têm poder de transformar realidades, revelar talentos e fortalecer laços comunitários.

Biblioteca Rubem Alves é inaugurada

Situada no distrito de Barão Geraldo, local já atrai estudantes e leitores de todas as idades

Maya Suguino

A Fundação Síndrome de Down Rubem Alves inaugurou, no dia 20 de setembro de 2025, a Biblioteca Rubem Alves, em Barão Geraldo. O espaço, localizado na Rua Luiz Vicentin, dentro da Praça Pedro Cané, já começou a receber visitantes de diferentes faixas etárias e perfis de leitura.

Apesar do tamanho modesto, o acervo é amplo e diversificado. A biblioteca reúne títulos infantis, infantojuvenis, acadêmicos e uma coleção especial dedicada ao escritor Rubem Alves, incluindo obras clássicas e exemplares raros preservados pela família. O projeto segue a filosofia do autor e educador, que defendia uma educação orientada pelo prazer de aprender, pela imaginação e pela sensibilidade, em oposição ao ensino puramente conteudista, cada vez mais comprometido pelo uso excessivo da internet entre jovens, crianças e adultos.

A iniciativa nasceu do Instituto Rubem Alves, que, por meio dos filhos do escritor, reuniu e disponibilizou ao público o acervo raro do autor. O espaço representa um reforço importante para a promoção da leitura em Campinas, cidade que ainda carece de estruturas públicas dedicadas ao livro. Atualmente, o município conta com apenas cinco bibliotecas municipais, além de unidades mantidas por instituições privadas. Em um cenário no qual 20% dos jovens brasileiros não leem por prazer e 36% relatam dificuldade de compreensão, ações como esta tornam-se fundamentais para combater o analfabetismo funcional e aproximar a população do hábito da leitura.

Para a presidente do instituto, Maria Amélia Moscom, o avanço das redes sociais impacta diretamente a re-



Biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, e está aberta ao público (Foto: Maya Suguino)

lação dos jovens com a literatura. Ela lembra que plataformas como o Instagram, inicialmente dedicadas à publicação de fotos entre 2010 e 2016, transformaram-se em espaços dominados por vídeos curtos, conteúdos acelerados e forte capitalização.

Ao discutir o afastamento dos adolescentes da leitura, Maria destaca que a busca por pertencimento sempre acompanhou os jovens, mas que esse movimento se intensificou com a popularização de plataformas como TikTok e Instagram. Segundo ela, a

alta exposição aumenta inseguranças e pressões sociais, dificultando o desenvolvimento da identidade. “As bibliotecas são como faróis que nos conduzem ao desenvolvimento do senso crítico.”

Para Maria, o Brasil celebra avanços na alfabetização, mas ainda esconde um problema profundo: o déficit de compreensão textual, que de acordo com seu relato, são diversos casos que chegam no instituto não sabendo conjugar verbos, resolver questões gramaticais ou até mesmo interpretar

uma fala. A bibliotecária Nayara Borges, responsável pelo acervo, reconhece que o fluxo de visitantes ainda é discreto, já que o espaço é recente e está localizado em uma área de pouca visibilidade. Mesmo assim, faz um convite direto à comunidade: “Queremos que todos os jovens, crianças, adultos e idosos venham conhecer o espaço e se encantem com os livros que temos aqui.”

A Biblioteca Rubem Alves funciona de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, e está aberta ao público.

Transporte entre Distrito e PUC-Campinas é falho

Alunos enfrentam longas esperas, baldeações e custos adicionais para percorrer o trajeto

Eduardo Arantes

Estudantes e moradores de Barão Geraldo relatam dificuldades para chegar ao Campus 1 da PUC-Campinas utilizando o transporte público. Apesar da existência da linha 329, que liga o Terminal de Barão Geraldo ao Campus I da PUC, e da ampliação na parte noturna com a linha 134, a percepção dos usuários é de que ainda a oferta é insuficiente.

Nos relatos, os passageiros destacam que os horários são escassos, o trajeto é demorado e, muitas vezes, não atende às necessidades de quem depende exclusivamente do transporte coletivo. Isso obriga parte da comunidade a recorrer a baldeações ou ao uso de aplicativos de transporte, o que aumenta o tempo e o custo das viagens.

“Às vezes a aula acaba mais tarde,

e eu perco o ônibus. ai tem que ficar esperando uma hora, e do terminal pegar outro ônibus mesmo você morando em Barão. Um trajeto que eu faria 15 minutos de carro, demoro mais de uma hora para chegar em casa porque passo mais tempo esperando o ônibus do que dentro dele.”, afirma a estudante de Publicidade e Propaganda da PUC-Campinas, Noa Silman, que cotidianamente sai de Barão Geraldo para ir ao Campus 1.

A situação gera frustração em uma comunidade que enxerga Barão Geraldo e a PUC-Campinas como dois polos importantes da cidade, que deveriam ter uma integração mais eficiente. Para quem depende do transporte coletivo, a falta de regularidade e praticidade reforça a sensação de descaso com a mobilidade urbana.

“O centro de Barão não tem o menor sentido não ter uma conexão direta

com a Puc, é um lugar que muita gente estagia é um local muito perto. Basicamente você tem que fazer 3 baldeações, faltando opções que não exijam tantas baldeações porque se você faz baldeação fica dependente de fatores externos, como atraso do ônibus e por ai vai. Falta uma linha que seja mais completa.”, comenta o jornalista Kaio Lima, Kaio fez o trajeto inúmeras vezes enquanto era aluno da PUC-Campinas, ele saía do Campus 1 para estagiar em Barão Geraldo.

Em nota, a Emdec informou que o atendimento entre Barão Geraldo e a PUC-Campinas é realizado pela linha 329, com partidas no Terminal Barão Geraldo (TBG), passando pela Unicamp e pela PUC, e tendo como destino final a Cidade Judiciária. A empresa afirmou que a linha opera com dois veículos em dias úteis, oferecendo partidas

a cada 55 minutos.

A Emdec reconhece que “os intervalos entre as viagens não são atrativos”; contudo, explica que “esta é uma definição feita de acordo com a demanda de usuários”. Segundo dados levantados pela bilhetagem eletrônica, cerca de 750 passageiros utilizam a linha, que resulta em um índice de 375 passageiros por veículo/dia, considerado “uma relação entre oferta e demanda adequada”.

Apesar disso, a percepção dos usuários contrasta com os números apresentados pela empresa. Para os moradores e estudantes, a oferta de horários ainda não atende à rotina de quem precisa se deslocar diariamente entre os dois bairros. A diferença entre os indicadores técnicos e a experiência cotidiana expõe o desafio de conciliar planejamento urbano com as reais necessidades da população.

Moradores denunciam crimes

Maioria das ocorrências atendidas no Distrito são roubo de bicicletas e carros na Unicamp

Vitor Hugo

Moradores do distrito de Barão Geraldo, se queixam sobre a falta de segurança e rondas policiais em alguns pontos do distrito. As denúncias vêm aumentando durante os últimos quatro anos. Isso ocorre por Barão Geraldo ser o maior polo universitário e comercial de Campinas, marcado pelos primeiros moradores de casarões, que após a saída deles, se tornou um distrito onde há festas universitárias que vão até tarde da noite. Os crimes são favorecidos pela movimentação constante.

Segundo dados do 7º Distrito Policial de Campinas (7º DP - Campinas) publicados na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP), entre 2022 e 2024 houve uma queda nos casos de roubo, totalizando 11,34%. No mesmo período houve um aumento de furtos em 32,11%, sendo registrados em 2024, 1047 (mil e quarenta e sete) casos de furto e 258 (duzentos e cinquenta e oito) casos de roubos. Entre 2024 e agosto de 2025 houve baixas de 49,22% nos casos de roubos e 31,77% nos casos de furto.

A delegada do 7º DP de Campinas, Isabella Sguerra Vita, diz não haver muitos casos pelo local, e que estão diariamente apurando imagens de câmeras de segurança, melhorando-as com a inteligência artificial. Ela garante estar reforçando o patrulhamento em conjunto com o batalhão da Polícia Militar. “Não há muitas ocorrências por aqui”, afirma Isabela. Muitas denúncias que são atendidas nesse distrito são roubos de bicicletas e carros com pertences nas universidades. Furtos, golpes ‘boa noite, Cinderela’ e abusos sexuais registrados, tem como cenários as festas universitárias, bares e casas noturnas.

Fernando Santos, dono de uma assistência técnica local, teve a motocicleta furtada na Avenida Santa Isabel, há um mês. O veículo estava estacionado em frente à casa da ex-esposa, enquanto buscava o filho para levá-lo até a escola. O furto foi entre 5h à 6h da manhã. “A gente está se sentindo muito vulnerável, tem muito assalto, furto.”, ressalta. Acredita que a maioria das ações, são provenientes de criminosos de outras cidades da Região Metropolitana de Campinas.

“Nunca fui roubada, mas já presenciei um caso de roubo.”, relata Letícia Beccarini, 21, estudante de publicidade e propaganda da PUC-Campinas. Uma amiga de Letícia estava trafegando pela estrada que liga Rhodia à Barão. Parou o carro para ajudar um suposto cadeirante que estava no chão. A vítima foi surpreendida por um cúmplice do homem. Numa tentativa de estelionato frustrada, os suspeitos levaram o carro.

O operador de loja Mateus Vieira Corona, presenciou diversos casos de roubos. Um deles foi enquanto caminhava; viu uma idosa que teve seus pertences levados por dois homens armados em uma moto, felizmente não



O centro de Barão Geraldo é perigoso, porém a Cidade Universitária é mais visada pelos criminosos (Fotos: Vitor Hugo)



Fernando Santos, dono de uma assistência técnica



O operador de loja Mateus Vieira Corona

atiraram. Na sua opinião, o centro de Barão Geraldo é perigoso, porém a Cidade Universitária é mais visada pelos criminosos. Em loja, Corona costuma consultar as câmeras, pois sempre há furtos à mão armada pelas lojas.

Alguns moradores e comerciantes sentem medo de andar pelas ruas, principalmente no período noturno em que não há tanta iluminação, gerando receio de serem assaltados ao circular pelo distrito. Mesmo com viaturas rondando pela região central, onde há um grande número de comércios, os mo-

radadores reclamam por não haver policiamento em outros pontos do distrito - locais movimentados e locais isolados como as regiões de mata aberta.

DICAS

A delegada Isabella Sguerra Vita alerta para que as pessoas não deixem pertences amostrando, principalmente nos veículos, não compartilhem dados pessoais, estejam atentos às bebidas e sempre tampe com a mão para evitar golpes ‘boa noite, Cinderela’ - o que é muito comum em festas universitárias

que ocorrem pela região. Em casos de furtos, ligue para o número 190.

ACIC

A Associação Comercial e Industrial de Campinas (ACIC) mantém diálogo constante com lojistas da região central para levantar demandas e colaborar com soluções junto ao poder público. A entidade conta com um grupo ativo de lojistas que compartilham ocorrências e situações diárias, possibilitando uma resposta mais ágil e coordenada.



Futebol Feminino de Campinas alcançou o 3º lugar nos Jogos Regionais



Iluminação do CT foi reestabelecidas após vandalismo (Fotos: Ana Claudia Machado)

Campo feminino é vandalizado

Depredação do centro de treinamento e descaso dos órgãos públicos comprometeu jogos

Ana Claudia Machado

O Centro de Treinamento (CT) do Futebol Feminino de Campinas (FFC), localizado no bairro Jardim Tropical, em Campinas (SP), foi alvo de uma grave crise de segurança e infraestrutura. A estrutura essencial, que serve como base para o time, sofreu com o intenso vandalismo, a depredação e o descaso, resultando em condições precárias e inutilizando o local para os treinos. Essa depredação e o roubo no CT representaram a perda do recurso fundamental para o desenvolvimento das atletas, obrigando o time a buscar a excelência em meio a uma nova e triste batalha.

O drama da depredação e do descaso foi evidenciado pela capitã e líder do elenco, Letícia “Lezica”, que revelou a situação crítica imposta ao time. O levantamento oficial detalhou a dimen-

são do vandalismo, resumido na fala direta que constatou: “Levaram tudo, tudo”. Após a crise ganhar visibilidade com a denúncia, o poder público, por meio da Secretaria de Esportes e Lazer e do Vice-prefeito, confirmou o apoio e o compromisso com a reestruturação.

Contudo, o time lamentou que o processo de execução das obras tenha sido marcado pela lentidão, exigindo a insistência constante das atletas para que as etapas cruciais fossem finalmente concluídas.

REFORMAS

O esforço conjunto e a cobrança constante do FFC resultaram na entrega completa da infraestrutura prometida. O foco no restabelecimento da ordem foi concluído com sucesso, com os vestiários e o portão principal consertados e arrumados. Medidas de segurança foram implementadas,

incluindo a fiscalização pela Guarda Municipal e o auxílio de câmeras, e os refletores do campo e luminárias nos postes foram conectados para permitir treinos noturnos. Graças a essa mobilização, a energia do CT foi finalmente religada. Com a base totalmente reparada, o time encerra o “descanso forçado” e pode, finalmente, voltar a usar o seu lar, provando que a luta do esporte feminino pode vencer a burocracia.

Mesmo com o Centro de Treinamento (CT) inutilizado, as atletas do FFC não pararam. A capitã Letícia, revelou que o elenco passou mais de dois meses sem treinar no local, sendo obrigada a improvisar e a conciliar a rotina do esporte com trabalho e compromissos pessoais.

A prova dessa garra veio nos Jogos Regionais, onde o FFC conquistou o terceiro lugar nas disputas de futsal e o terceiro lugar nas de futebol de campo.

Além das medalhas, o time demonstrou sua continuidade e segue disputando ativamente a Liga Campineira de Futebol Feminino.

HISTÓRICO

O FFC é um projeto que ultrapassa 25 anos de existência na cidade. Atuando como um grande revelador de talentos, o FFC oferece oportunidades esportivas contínuas para mulheres e meninas, das categorias de base Sub-11 à adulta.

Giullia Matallo, Ana Clara Cruz, Melissa Cruz, são algumas das atletas reveladas na equipe e outras que atuam no exterior.

Sua longevidade demonstra a relevância social da equipe, que utiliza o futebol como ferramenta de desenvolvimento, inclusão e pertencimento, lutando ativamente por condições dignas para o esporte feminino.



Majestoso foi palco de mais um capítulo da história da Ponte Preta no clássico valendo vaga na final da terceira divisão nacional (Fotos: Leonardo Oliveira)

Batalha dos ambulantes em dia de jogo

GM, PM e Emdec organizam e fiscalizam as vendas no entorno do Estádio Moisés Lucarelli

Leonardo Oliveira

O Estádio Moisés Lucarelli, carinhosamente conhecido como Majestoso, localizado no coração do bairro Jardim Proença, na Zona Sul de Campinas, não é apenas o lar da Associação Atlética Ponte Preta. Ele é, a cada jogo, o epicentro de uma movimentação econômica e social que transforma completamente a paisagem urbana. Em dias de partida, especialmente quando o adversário é o arquirrival Guarani, o entorno do estádio se converte em um verdadeiro mercado a céu aberto, onde paixão, sustento e segurança se entrelaçam de forma intensa.

O último Dérbi Campineiro para servir para entender como funciona essa engrenagem invisível que move dezenas de famílias e mobiliza diversos órgãos públicos. O que parece ser um comércio de rua espontâneo é, na verdade, o resultado de um processo de organização que começa cerca de quatro horas antes do apito inicial.

A partir desse momento, vendedores ambulantes, equipes da Guarda Municipal (GM), Polícia Militar (PM) e fiscais da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec) se distribuem em pontos estratégicos para garantir que tudo ocorra dentro das normas.

Segundo um dos ambulantes entrevistados, que preferiu não se identificar, o trabalho depende do pagamento de uma taxa mensal fixa à Setec, órgão responsável pela fiscalização. “Quem está com débito precisa acertar na hora, com o dinheiro que ganha no próprio dia. Às vezes, num jogo pequeno, a gente sai no zero a zero”, relatou. Ainda assim, ele afirma que o Dérbi é o grande alívio do calendário: “No clássico, a gente consegue faturar o que não ganha em todos os outros jogos do mês. É o dia que salva as contas.”

Outro comerciante, que preferiu não ser identificado, relatou como funciona sua rotina em dias de jogos:

“Trabalho como ambulante nos arredores do estádio há alguns anos. Nos dias comuns de jogo, costumo chegar entre quatro e cinco horas antes da partida. Esse tempo é necessário para montar minha estrutura, preparar as bebidas, organizar o gelo e garantir um bom ponto. Quanto mais cedo eu chego, mais chance tenho de pegar um local estratégico, porque o movimento varia muito dependendo da importância da partida.

Agora, quando é dia de clássico ou jogo decisivo, a rotina muda completamente. A demanda é muito maior, o fluxo de torcedores começa cedo e a concorrência também aumenta. Nesses dias, eu chego até doze horas antes do jogo. É cansativo, mas vale a pena. Preciso organizar tudo com mais calma, garantir que o estoque esteja reforçado e evitar imprevistos. Fico praticamente o dia inteiro ali, montando, atendendo quem já passa pelo entorno do estádio e esperando o grande movimento antes de a bola ro-

lar. É uma rotina puxada, mas é assim que a gente garante o sustento. Quem trabalha com isso sabe que chegar cedo é a diferença entre vender pouco e vender tudo.”

O movimento, que atrai milhares de torcedores e curiosos, gera um impacto significativo no comércio do bairro. Pequenos bares, padarias e lanchonetes registram aumento expressivo nas vendas, enquanto os moradores já se acostumaram com o vai e vem de pessoas e o som vibrante das torcidas. “É um dia diferente, a cidade respira futebol, mas também é dia de trabalho pesado”, relatou a proprietária do Komb Choop, que há mais de dez anos atua nos arredores do Majestoso.

A organização do comércio ambulante no Jardim Proença é fruto de um equilíbrio delicado entre necessidade econômica e controle urbano. Se, por um lado, há custos e regras rígidas, por outro há a possibilidade de sustento digno e de convivência harmoniosa com a festa do futebol.



Rua Moisés Lucarelli movimentado para o semi-final da serie contra o Guarani



Torcedores nas filas para os diversos foodtrucks antes do confronto do dia

Derby domina as ruas do Jd Proença

Torcedores contam como se preparam para o clássico e falam sobre os cuidados com o trânsito



Mais uma edição do tradicional Derby Campineiro (Foto: Pedro Della Torre)



Agentes da Emdec organizam o trânsito e garantem a segurança (Foto: Pedro Della Torre)

Pedro Della Torre

No Jardim Proença, região de Campinas, a cada novo Derby Campineiro o clima de expectativa entre as torcidas da Ponte Preta e Guarani toma conta das ruas. A proximidade entre os estádios Moisés Lucarelli e Brinco de Ouro da Princesa - separados por menos de um quilômetro - transforma o bairro em um verdadeiro palco de emoções e desafios logísticos para a Polícia Militar, Guarda Municipal, equipes de trânsito, vendedores ambulantes e torcidas organizadas, que circulam a pé ou de carro ao redor dos estádios.

Com o clássico sendo realizado com torcida única nos últimos anos, os torcedores vivem um misto de ansiedade, festa e preocupação. A mobilidade, o estacionamento e a segurança se tornam temas centrais nos bastidores de um dos maiores duelos do futebol brasileiro.

O estudante Lucas Fortuna Prado, 21 anos, é pontepretano desde os cinco e acompanha todos os jogos da Ponte Preta em casa. Ele diz que assistir um derby exige um planejamento diferente: “Sempre chego [ao estádio] com duas ou três horas de antecedência. É um jogo que a gente trata como um campeonato à parte”, afirma. “Mas mesmo com a festa, a segurança me preocupa.”

Segundo ele, fora do entorno do Majestoso, como é conhecido o estádio Moisés Lucarelli, o clima pode ficar tenso: “[A violência] diminuiu bastante, mas ainda é perigoso andar com a camisa do time. Já presenciei brigas em avenidas próximas”, conta. “Como os estádios são muito perto, a região ficou conhecida como a ‘Faixa de Gaza’. Hoje melhorou, mas ainda existe o medo.”

O torcedor Murilo Trovó Ortigosa, também de 21 anos, reforça que o trânsito é outro problema recorrente nas proximidades dos estádios: “Costumo sair com uma hora de antecedência, mas estacionar é um desafio. Muitos flanelinhas cobram o que querem, às vezes em locais irregulares”, diz. Na sua opinião, falta melhor organização da prefeitura e da polícia de trânsito nos dias de derby para garantir a mobilidade dos torcedores.

Pelo lado do Guarani, a torcedora Paola Tiago Cruz Costa, 36 anos, vive o Derby com intensidade e diz se sentir segura desde que cada torcida respeite

seu espaço “Nunca tive medo de ir ao estádio. Acho que tudo depende da educação de cada um. Na sua opinião, o clássico é tenso, mas se cada torcida ficar no seu lugar, tudo corre bem.

Ela também reconhece o impacto no trânsito: “Quando o jogo é no Brinco [de Ouro], o bairro para. Ruas fechadas, buzinas, gente chegando a pé. A cidade vive o Derby.”

Já Verginia Paula Barbieri Selvaggio, 45 anos, confirma que a rotina muda completamente quando os times campineiros se enfrentam: “A semana inteira é diferente. O trajeto até o estádio precisa de atenção, porque o movimento é grande e sempre há bloqueios”, afirma. Apesar dos imprevistos, ela diz que enfrenta a situação com alegria. “O Derby é mais do que um jogo, é tradição.”

TRÂNSITO

Nos dias de clássico, o Jardim Proença se transforma em uma zona de atenção máxima. As ruas próximas aos estádios recebem reforço policial e interdições, mas o trânsito intenso e o comportamento das torcidas ainda geram preocupação entre os moradores.

A reportagem tentou contato com a Emdec (Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas) e com a Guarda Municipal, responsáveis pela mobilidade e segurança nos dias de evento, mas não obteve retorno até o fechamento desta edição.

No entanto, um agente da Guarda de Trânsito de Campinas, que preferiu não se identificar, conversou com a reportagem no dia do Derby entre Ponte Preta e Guarani. Segundo ele, há um planejamento conjunto entre todos os órgãos de segurança da cidade, incluindo a Polícia Militar, a Guarda Municipal e a própria Emdec, para garantir que o evento ocorra com o máximo de segurança possível. “Antes de cada clássico é realizada uma reunião com todos os responsáveis. A partir dela, definimos o esquema de bloqueios, rotas alternativas e pontos de policiamento. O objetivo é minimizar riscos e facilitar a circulação no entorno dos estádios”, explicou o agente.

Com o apoio desses órgãos e a colaboração dos torcedores, a cidade tenta manter viva a tradição do Derby Campineiro, um duelo que vai muito além das quatro linhas e movimentando todo o Jardim Proença.